

O professor de espanhol em cursos livres: o ensino como trabalho

Luciana Maria Almeida de Freitas (UFF)

O presente artigo visa a apresentar e discutir o principal dispositivo metodológico empregado em um projeto de tese¹ em desenvolvimento: a entrevista. O objetivo da pesquisa é analisar o trabalho do professor de Língua Espanhola que atua em cursos livres de idiomas. É formulada a partir da abordagem ergológica da atividade (SCHWARTZ, 1997) e da concepção dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2003). A primeira apresenta-se como o estudo das atividades humanas que coloca os trabalhadores no centro da produção de conhecimento sobre o trabalho, enquanto que a segunda vai ao encontro da complexidade do ser humano e do seu trabalho por considerar a língua como uma atividade concreta de trocas verbais.

A seguir, o texto se organiza em duas sessões: a primeira, com algumas questões relativas ao ensino de espanhol em cursos livres; a segunda, com a apresentação e discussão do dispositivo metodológico entrevista; a terceira e última, com as considerações finais.

O ensino de espanhol em cursos livres

O ensino de Língua Espanhola (E/LE) em cursos livres de idiomas é uma área quase inexplorada no Brasil no que diz respeito aos estudos acadêmicos. Isso ocorre apesar da enorme proliferação de instituições que, nos últimos 15 anos, vêm dedicando-se ao ensino não regular de espanhol, seja de forma exclusiva, seja em concomitância com outras línguas estrangeiras.

Como um exemplo dessa carência de investigações, é possível citar o

próprio desconhecimento da história do estabelecimento da língua espanhola nos cursos livres em nosso país. Enquanto há um número crescente de estudos acerca da história do espanhol no ensino regular (FREITAS; BARRETO, 2007), no que diz respeito aos cursos livres no Rio de Janeiro, a única referência conhecida anterior à década de 1980 é a atuação do Instituto Brasileiro de Cultura Hispânica, fundado em 30 de maio de 1956.

Desse modo, se por um lado esta pesquisa se justifica em virtude da ausência de pesquisas sobre o seu objeto — os cursos livres —, por outro, não se vêem investigações preocupadas em analisar a situação de ensino como uma situação de trabalho do professor. Como afirma Faïta (2005), o estudo dos modos pelos quais o professor se investe na realização de suas tarefas é um campo que carece de investigações.

O trabalho do professor de cursos livres se reveste de características distintas daquelas do docente do ensino regular. Seguindo os passos de Daher e Sant’Anna (2008), a principal hipótese desta pesquisa é de que nos cursos de idiomas o trabalho do professor possui elementos que tangenciam a visão taylorista como, por exemplo: a divisão entre os que executam (os professores) e os que decidem e pensam (os coordenadores, diretores e autores de materiais); o estudo do tempo e dos movimentos (das atividades, do professor e dos alunos); a proposta modelizada de trabalho, que se aproxima de uma “mecanização da produção”; os “treinamentos” de professores como tentativa de substituir sua formação acadêmica. Essas questões serão, a princípio, as privilegiadas na análise do trabalho do professor de cursos livres.

A entrevista como dispositivo de análise das falas “sobre” o trabalho

O foco desta investigação repousará, especialmente, nas práticas de linguagem do professor, nas suas falas “sobre” o seu trabalho (LACOSTE, 1998) que

serão recuperadas por meio do dispositivo entrevista.

O conceito de fala “sobre” o trabalho se insere no recorte metodológico desenvolvido por Lacoste (1998). Essa proposta diferencia a linguagem “como”, “no” e “sobre” o trabalho.

A linguagem “como” trabalho é aquela que é utilizada durante e para a realização da atividade. A linguagem “no” trabalho é que não se relaciona diretamente com a execução da atividade, mas que ocorre na própria situação de trabalho. Por fim, a linguagem “sobre” o trabalho é a produção de saber sobre a atividade, seja durante a sua realização, entre os próprios atores, seja em algum questionamento posterior como, por exemplo, uma entrevista (LACOSTE, 1998).

A entrevista não é vista nesta investigação como a revelação de uma informação detida pelo entrevistado, pressupondo, como criticam Daher, Rocha e Sant’Anna (2004), “uma visão de linguagem homogênea, monológica, transparente, de sentido monossêmico, segundo a qual o dito por um sujeito uno corresponde à representação de uma verdade”. Numa perspectiva enunciativa da linguagem, não se pode conceber a entrevista como revelação de uma verdade. Para Bakhtin (2003, p. 313), o enunciado é sempre dialógico, pois “é enformado como tal pelos elementos extralingüísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados”.

A entrevista compreendida como um evento dialógico, em lugar de responder às questões de pesquisa, assume o papel de um momento de construção de um texto, sob a ótica discursiva, que retoma situações de enunciação anteriores e que estão inacessíveis ao pesquisador (DAHER; ROCHA; SANT’ANNA, 2004).

É importante ressaltar que, na visão ergológica, a entrevista dá respostas sobre o trabalho num nível “ideal”, relacionado ao plano do prescrito, ou seja, de como as trabalhadoras vêem as suas atividades. Para conhecer o trabalho, o modo como os trabalhadores reconfiguram as normas antecedentes é necessário o acesso ao trabalho vivo por meio da pesquisa de campo, pois “a experiência vivida no trabalho

não pode ser jamais adequadamente pré-descrita em um determinado momento por meio de ajuste de palavras, de seqüência de frases, porque toda configuração da atividade é sempre em parte *inédita*” (SCHWARTZ *apud* SOUZA-E-SILVA, 2004, p. 196-197, grifo do autor).

O roteiro da entrevista foi formulado de acordo com as concepções de Daher (1998). Na verdade, trata-se de um procedimento que vai muito além da realização de um roteiro, pois problematiza a elaboração das entrevistas em situação de pesquisa. A proposta se organiza a partir de blocos temáticos que orientam a elaboração das perguntas construídas, a partir do estabelecimento de objetivos, problemas e hipóteses. A proposta visa a garantir ao pesquisador o acesso a um saber de determinado grupo e, posteriormente, verificar a existência ou inexistência de coincidências entre as hipóteses construídas pelo pesquisador e as respostas obtidas nas entrevistas.

É importante observar que, como advertem Daher, Rocha e Sant’Anna (2004), o entrevistado não deve ser abordado a partir dos objetivos da pesquisa, e sim dos da própria entrevista.

O uso de uma entrevista assim concebida numa pesquisa que tem como objeto o trabalho é proveitoso porque, além de confrontar as hipóteses construídas com as respostas dos entrevistados, também permite que se realize o cotejo dessas hipóteses e das suas respostas com os resultados da pesquisa de campo.

Vejamos, a seguir, o roteiro elaborado.

BLOCO TEMÁTICO	OBJETIVOS	PROBLEMAS	HIPÓTESES	PERGUNTAS
----------------	-----------	-----------	-----------	-----------

BLOCO TEMÁTICO	OBJETIVOS	PROBLEMAS	HIPÓTESES	PERGUNTAS
1. O entrevistado e sua formação e experiência profissional	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer a formação do entrevistado. 2. Verificar quais são seus vínculos empregatícios atuais. 3. Identificar a existência de experiência profissional anterior do entrevistado. 4. Verificar o tempo de atividade no curso de línguas. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Quem é o profissional entrevistado? Qual a sua formação e sua experiência? 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Alguns profissionais que atuam em cursos livres não possuem Licenciatura em Letras ou são ainda estudantes. 2. Os professores normalmente têm mais de um emprego, em alguns casos, não apenas em vários cursos, mas também em cursos e escolas. 3. Em muitos casos, o curso livre é a primeira atividade docente do professor, ainda durante os estudos universitários. 4. Geralmente o professor de cursos livres permanece pouco tempo nessa atividade. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Qual é a sua formação?</i> Formação profissional na área de Letras. Universidade onde estudou. Estudos de pós-graduação. 2. <i>Qual é o seu trabalho atual?</i> Possível trabalho em outras áreas e instituições. 3. <i>Já havia exercido a atividade docente antes?</i> Trabalhos anteriores. Tempo e lugar do trabalho anterior. 4. <i>Há quanto tempo é professor nesse curso de línguas?</i>
2. Aspectos formais e legais do trabalho	<ol style="list-style-type: none"> 1. Verificar se o professor é registrado legalmente de acordo com a sua profissão. 2. Observar se a remuneração pelo trabalho do professor de cursos livres é inferior ao do Ensino Básico. 3. Detectar se existe algum tipo de plano de carreira ou gratificação, especialmente aquelas relacionadas à produtividade do trabalho do professor. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Quais são os aspectos formais e legais do trabalho do professor? Existe, em cursos livres, uma maior precarização do trabalho docente? 	<ol style="list-style-type: none"> 1. No trabalho do professor de cursos livres há a ocorrência, em muitos casos, de trabalho informal ou do registro como "instrutor de ensino". 2. Os salários costumam ser inferiores aos de professores de Ensino Básico. 3. Normalmente não existem planos de carreira. Em alguns casos há uma gratificação pelo número de alunos em sala, o que se aproximaria do salário por produtividade da Administração Científica. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Seu trabalho é registrado em carteira? Como professor?</i> 2. <i>Você se importaria de dizer o valor da hora-aula paga pela instituição?</i> 3. <i>Há algum plano de carreira ou gratificação ao professor, por exemplo, por número de alunos em aula?</i>

BLOCO TEMÁTICO	OBJETIVOS	PROBLEMAS	HIPÓTESES	PERGUNTAS
3. Elementos Tayloristas no trabalho do professor de cursos livres	<ol style="list-style-type: none"> 1. Verificar como é feita a seleção do professor. 2. Averiguar se é feito um treinamento prévio do professor e como é seu procedimento. 3. Determinar quais são os escritos normativos do trabalho de professor de cursos livres. 4. Verificar se há uma preocupação com a uniformização do trabalho do professor de cursos livres. 5. Verificar se os instrumentos de trabalho do professor são determinados pela empresa. 6. Verificar se há uma divisão entre os que executam (docentes) e os que decidem (coordenadores, diretores e autores de materiais). 7. Detectar se a noção Taylorista de tarefa existe no trabalho em cursos livres. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Há elementos na atividade do professor de cursos livres que tangenciam a visão taylorista do trabalho? 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Os requisitos para contratação do professor de cursos livres costumam estar mais relacionados ao nível de proficiência lingüística que aos conhecimentos teóricos e metodológicos e que a sua experiência. 2. Os cursos somente contratam professores que realizam o treinamento, como é freqüente na Administração Científica. 3. Alguns cursos possuem um manual de procedimento como um dos escritos normativos do trabalho do professor. 4. Os cursos costumam buscar a uniformidade no trabalho de todos os professores, bem como previa Taylor. 5. O professor não tem liberdade para escolher o material didático. 6. Existe um Livro do Professor e ele e o manual ocupam o papel de escrito normativo descendente. 7. O professor não tem liberdade para realizar atividades que fujam do manual e recursos adotados, caracterizando uma divisão entre os que executam e os que decidem. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Como foi o processo de contratação pelo curso? Você sabe quais eram os requisitos exigidos? Você sabe se o procedimento de contratação é sempre o mesmo?</i> 2. <i>Houve algum treinamento? Você poderia descrevê-lo?</i> 3. <i>Você recebeu algum tipo de manual de instruções ou de procedimentos no trabalho? Se não, recebeu instruções orais dos superiores?</i> 4. <i>Existe, por parte da empresa, uma preocupação em uniformizar o trabalho, ou seja, uma busca de que as aulas de todos os professores sejam iguais ou muito semelhantes?</i> 5. <i>Você teve liberdade de escolher o material didático?</i> 6. <i>Você foi instruído sobre como utilizar o livro didático? Há um "Livro do professor"?</i> 7. <i>Você tem autonomia para criar atividades, não realizar alguns exercícios do livro ou alterar sua ordem, trazer outros recursos didáticos?</i>
3. Elementos Tayloristas no trabalho do professor de cursos livres (continuação)	<ol style="list-style-type: none"> 8. Identificar se há um controle do tempo e dos movimentos no trabalho em cursos livres. 9. Verificar se há um controle da execução da tarefa diária. 10. Detectar se há a presença de um "instrutor" que observe e controle o trabalho do professor. 11. Verificar se o professor tem consciência de que a renormalização é constitutiva da atividade de trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Há elementos na atividade do professor de cursos livres que tangenciam a visão taylorista do trabalho? 	<ol style="list-style-type: none"> 8. As aulas são preparadas pela coordenação, com tempo determinado e controlado. Isso se aproxima da noção de tarefa do Taylorismo. 9. A coordenação exerce o controle da atividade diária do professor. 10. Existe uma supervisão que, eventualmente, assiste às aulas e faz correções na atuação do professor. 11. O professor verbalizará que recria as prescrições, pois cada aula é diferente da outra. 	<ol style="list-style-type: none"> 8. <i>As aulas são previamente preparadas pela coordenação ou você as prepara? Há um controle do tempo determinado para cada atividade?</i> 9. <i>Existe algum controle por parte da coordenação com relação ao andamento das aulas?</i> 10. <i>Há uma supervisão das aulas, algum instrutor ou supervisor que acompanhe seu trabalho e, posteriormente, corrija sua atuação?</i> 11. <i>Nas suas aulas, você segue sempre o que o curso determinou que você deveria fazer?</i>

Como podemos observar, a entrevista está organizada em três blocos temáticos em função dos seus objetivos gerais.

O Bloco 1 visa a aproximar o pesquisador do entrevistado e conhecer um pouco de sua formação e de sua experiência. Além disso, o conjunto das entrevistas poderá fornecer uma amostra do padrão de profissional procurado pelos cursos livres ou detectar se há diferenças significativas de uma instituição para outra.

No Bloco 2 enfocam-se questões formais e legais do trabalho em de cursos livres. A presença de tal discussão na entrevista se justifica em virtude dos discursos que circulam acerca de uma maior precarização das condições de trabalho nos cursos de idiomas. Esse fato, se confirmado, aponta para uma dificuldade adicional, um elemento muito importante na configuração desse trabalho e, possivelmente, aparecerá de maneira significativa nas falas dos professores.

O Bloco 3 tem o objetivo de verificar, pela fala do professor “sobre” seu trabalho, se emergem elementos que poderiam indicar uma aproximação com a proposta taylorista. As perguntas foram formuladas a partir das propostas de F. W. Taylor (1856-1915) que se encontram sintetizadas em *Princípios de administração científica* (TAYLOR, 2006), publicado em 1911. É fundamental ressaltar que esse sistema foi formulado para a indústria e em um contexto específico: as duas últimas décadas do século XIX e a primeira do XX, nos EUA. No entanto, como afirma Schwartz (2007), o taylorismo tem recuado no âmbito industrial, onde nasceu, e se expandido em outros setores, como alguns ligados aos serviços.

Dessa forma, foram retomados na entrevista os aspectos do taylorismo que, de alguma maneira, poderiam relacionar-se com o trabalho do professor. São eles: a realização de treinamentos, a busca de uniformização da atividade, a divisão entre os que executam e os que decidem, a implementação da noção de tarefa, o controle do tempo e dos movimentos, o controle da execução da tarefa diária e a presença de um “instrutor” que observe e controle o trabalho do professor.

Considerações finais

Como se trata de uma pesquisa ainda em fase de levantamento do *corpus*, não há resultados que possam ser apresentados. Espera-se, com ela, não apenas analisar as falas do professor de cursos livres “sobre” sua atividade, mas também contribuir para a compreensão da complexidade do trabalho do professor de línguas estrangeiras em geral e para a promoção do conhecimento de questões relativas ao ensino e ao professor de Língua Espanhola no Brasil.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DAHER, D. C. Quando informar é gerenciar conflitos: a entrevista como estratégia metodológica. *The ESPecialist*, São Paulo, v.19, p. 287-304, 1998.

DAHER, D. C.; SANT'ANNA, V. L. A. *A formação profissional do professor de Espanhol língua estrangeira*. 2008. No prelo.

DAHER, D. C.; SANT'ANNA, V. L. A.; ROCHA, D. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. *Polifonia*, Mato Grosso, v. 8, p. 161-180, 2004.

FAÏTA, D. *Análise dialógica da atividade profissional*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2005.

FREITAS, L. M. A.; BARRETO, T. A. Construindo uma história: a APEERJ e o ensino

de espanhol no Brasil. *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, suplemento, p. 65-77, 2007.

LACOSTE, M. Fala, atividade, situação. In: DUARTE, F; FEITOSA, V. *Linguagem & Trabalho*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1998.

SCHWARTZ, Y. *Reconnaissances du travail*. Paris: PUF, 1997.

_____. Trabalho e ergologia. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, Louis (Orgs.). *Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EdUFF, 2007.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. Quais as contribuições da lingüística aplicada para a análise do trabalho. In: FIGUEIREDO, M. *et al.* (Orgs.). *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

TAYLOR, F. W. *Princípios de administração científica*. São Paulo: Atlas, 2006.

Nota

¹ Tese desenvolvida no Programa de Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientada por Consuelo Alfaro e co-orientada por Del Carmen Daher (UERJ).